

## nova idade: uma nova visão do mundo

NELLY NOVAES COELHO

"O verbo / dito / caos / pouco a pouco / se dissolve /"

"Um diálogo // estabelece-se // entre Terra / e cosmos // magnífico // terrífico // céu / inferno // deus / demônio // profeta em seu carro de fogo // o astronauta // fala // e sua voz // se transforma // em palavra nova."

Aderida à visão do *astronauta*, símbolo humano do mais decisivo esforço técnico-científico da História, Ida Laura neste seu último livro NOVA IDADE<sup>1</sup> transpõe as fronteiras do tempo. Através da funda intuição poética que já se nos havia revelado principalmente em ANTECIPAÇÃO e POEMA CÍCLICO, vemos que dentro de um processo de renovação que se sucede ciclicamente ao escoar dos milênios, mais uma vez, a palavra criadora faz emergir do caos um novo mundo, faz com que à *ordem* suceda a mais absoluta *desordem*.

Poesia visionária conquistada e fixada através de uma densa linguagem alegórica, a da poetisa paulista pertence à linhagem dos raros escritores que, a partir do após-guerra de 45, vêm-nos revelando a intuição das novas e ainda obscuras dimensões do novo Homem e dos novos tempos que já fermentam no oculto das realidades. Referimo-nos aos artistas criadores que, nesta segunda metade do século, já ultrapassaram a fase

da angústia existencial e do absurdo da vida. Aos que deixaram de ver o homem como um "ser-para-a-morte"; aos que, em meio à fragmentação de valores que impera no plano visível do relacionamento humano, já vislumbram os difusos contornos da metamorfose e dão seu testemunho.

Por diversas que sejam as formas pelas quais nos transmitem suas intuições, um fator comum as identifica: a consciência de uma nova e luminosa dimensão da espécie humana, uma nova crença na condição terrestre.

No limiar de um novo ciclo de sua história, o Homem adquire a aguda, a ampla consciência de sua *unidade cósmica* e descobre um *outro humanismo*, já agora na escala de um mundo em dinâmica e acelerada expansão e baseado na noção do Homem "que começa no Outro". Ou mais espantosamente ainda, na Visão do Homem que se descobre parte integrante da divindade, pois presente a descoberta de um "deus vindo da matéria".

"Onde deus // se sua essência // vai além do ar / do vácuo // ninguém jamais viu / o rosto // daquele que / cria // visões terríficas // visões do céu // a Terra // que deus habita // onde sua força // acumulada // em séculos // de repente / explode // Na atormentada / na obscura fórmula // do Homem".

(P. 55)

Embora transcrito em linha corrida (portanto com a quebra dos pequenos núcleos de emoção criada pela disposição gráfica dos segmentos poéticos<sup>2</sup> o poema acima já revela a atitude dos que não dão as costas ao metafísico ou tentam negá-lo..., mas, ao contrário, o enfrentam, o perscrutam e procuram apreendê-lo não mais *fora* do Homem, porém *dentro* dele... como uma "força acumulada em séculos que de repente explode na atormentada, na obscura fórmula do Homem".

Captando o fenômeno que se realiza hoje no mundo que nos rodeia, a poesia de Ida Laura revela que destruição e criação avançam juntas. Seus livros, lidos em seqüência cronológica<sup>3</sup> mostram-nos as várias fases de um processo histórico-estético em pleno devir. Contudo, embora vá-

lidos cada um por si (como peças autônomas que são), eles só adquirem significação integral quando inseridos no contexto poético global a que pertencem.

É o que sucede, por exemplo, com este recentíssimo NOVA IDADE, a epopéia espacial do homem, cuja compreensão se amplia enormemente, quando “situado” em face do POEMA CÍCLICO, a visão apocalíptica de nosso mundo destruído pela bomba atômica, publicado em 1962.

A julgar pelas datas registradas em ambos os livros (o primeiro escrito entre 57 e 60 e este último, entre 60 e 68), não houve praticamente nenhuma distância cronológica entre a elaboração de um e de outro. Entretanto o fenômeno “criação” que no primeiro se situa exclusivamente no plano terrestre, neste último adquire uma amplitude nova, como se se definissem, repentinamente, caminhos antes não vislumbrados. A verdade é que de um certo momento em diante, o *espaço* assume para o Homem uma dimensão completamente inesperada.

“Como os antigos navegantes que singravam os mares”, o Homem-astronauta é conduzido de “encontro à sua condição” pelas *naves*: “barcas espaciais”, “barcas celestes”... Poesia profundamente arraigada no *hoje*, no “ato presente” vivido como o “ato futuro que no presente se realiza” (como diz Ida Laura em ANTECIPAÇÃO), a que alimenta POEMA CÍCLICO e NOVA IDADE e, sem sombra de dúvida, o testemunho irredutível do *antes* e do *depois* do vôo de Iuri Gagarin: primeiro homem a realizar uma volta completa em torno da Terra, num foguete espacial. No “Vostok I”, Gagarin, a 12 de abril de 1961 inaugura as viagens humanas na Era Espacial (iniciada em 57 com o Sputnik I), e descobre que a “Terra é azul”.

*“Esta clareza que me envolve // Terra // este dia-sol que me rodeia // Terra // este lugar onde acontecerá / o encontro / dos terrestres / dos extraterrenos / Terra // Terra / azul / terra // frutos cósmicos / águas claras lunares // mares silenciosos / se perdem // à distância // longe // aos poucos // ao clarear de mim // percebo // Terra”.*

Eis como Ida Laura traduz as primeiras percepções do Homem arrebataado pela maior aventura humana da História. Liberto da Terra,

quebrados os liames que o prendiam ao solo fixo, engolido pela “escuridão do vácuo”, afastado do que fôra até então sua condição natural de terrestre, o Homem redescobre a Terra, e gradativamente conquista uma nova consciência de si e do universo.

Usando do mesmo processo de alegorização que em POEMA CÍCLICO justapõe o *plano objetivo* (mundo exterior destruído pela explosão atômica) ao *plano subjetivo* (destruição interior da unidade do “eu”), Ida Laura, em NOVA IDADE, funde numa só visão poética os dois fenômenos que se realizam simultaneamente: o *plano visível* da conquista espacial realizada pelo homem e o *plano oculto* da conquista de uma nova dimensão do “eu”.

*“Partamos // de eu / para infinito // ao iniciar // a grande viagem // de nós // todos” (p. 90)*

*“somos // homens no cosmos // não isolados // (...) vultos que pressentimos // fazem pensar // e nos devolvem // total // a nossa / forma humana // (p. 87)*

E essa *totalidade* surge amalgamada com os quatro elementos primordiais, geradores da vida universal. Água, terra, fogo e ar continuam sendo neste último livro os elementos básicos do universo simbólico criado por Ida Laura. Porém, enquanto em POEMA CÍCLICO são visualizadas as *formas destruidoras* de cada elemento, nesta NOVA IDADE surgem *formas criadoras*, mostrando, em última análise a dualidade intrínseca que marca tôdas as realidades.

No primeiro, dominam principalmente as formas do *fogo* destruidor (“incêndio”, “cascatas de fogo”, “águas de fogo”...), ao lado das formas mortas, agressivas ou estáticas (“campo destruído”, “céu sem fundo”, “terra morta”, “turbilhões de vento”, “espinhos”, “pássaros sem lugar para voar”...). Os elementos ligados ao ar são quase inexistentes, apenas afloram aqui e ali a indicar que a *essência da vida não foi destruída*: “vento e asas / vento e aves”, “vento e pássaros em elipse”, sobreviventes com a Mulher.

Em NOVA IDADE, onde se rasga amplamente a visão cósmica de uma nova consciência do Homem, temos a predominância absoluta das *formas criadoras* daqueles quatro elementos primordiais, e também a grande presença do *fogo* (agora sob a forma de *Luz*) e do *ar* (como

espaço cósmico): *luminosidade e amplitude espacial* são os elementos definidores da atmosfera que envolve o Homem e que vai dissipando as “brumas” e os “fantasmas” do antigo mundo.

“Brumas // envolvem meu ser // (...) a cerração / se desfia / aos poucos // (...) os fantasmas se desfazem // o ser // liberto // (...) se transforma // além // em pensamento / em luzes” (p. 28)

“Igual vai sendo Terra / à pureza do começo // criação de um deus // sem os demônios que o vigiam” (p. 31)

Deus, Homem e Natureza: as três faces da problemática existencial, do ser humano perscruta há milênios, são os eixos motrizes de NOVA IDADE, onde reveladoramente “Terra” e “Homem” são grafados com maiúsculas e “deus” com minúsculas, revelando também pela forma gráfica o reequacionamento da visão religiosa da vida, hoje em plena evolução.

Impossível abarcar numa breve análise a gama de significações que a poesia descobre nesse processo evolutivo. Porém, tentando isolar o que nos parece fundamental, podemos talvez sintetizá-la em quatro palavras: *libertação, pureza, unidade, totalidade*.

Liberto das antigas fórmulas que aviltavam a condição humana (inferiorização do Homem em face da divindade), o Homem cria, inventa “um deus, sem os demônios”; descobre o “grande ser”, “ente que é muito de nós e além de nós”.

“E vi // para além // das estrélas // a face de deus // a outra face // não a terrível / já demonstrada // mas a inteira // a verdadeira // face // livre // de deus-eu // transformada // em serena face / de deus-todos.” (p. 131)

Liberto dos antigos tabus que aviltavam o amor humano, (visão tradicional: carne = pecado), o Homem descobre, através da Mulher, o “amor total”:

“... o mundo se inicia / devolvido pelo vento / (...) amor // amor de dois // amor de todos // invenção de deus / fora os demônios.” (p. 31)

Liberto das antigas crenças que lançaram o anátema sobre a Terra, condenando-a a ser o doloroso e absurdo “vale de Lágrimas”, o Homem descobre a “Terra-mãe”, pura, luminosa, acolhedora, em diálogo com o cosmos; “dia-sol” que o rodeia, “Terra azul” onde acontecerá o encontro dos terrestres:

“Que vejo? // Luzes // são estrélas // ou a Terra / que se desfez em claridade? // flutuam // boitatás estranhos” (p. 17)

Com a aguda clarividência com que em POEMA CÍCLICO elegeu a “mula-sem-cabeça” para simbolizar a mulher injustiçada por esta civilização em agonia, Ida Laura, em NOVA IDADE, escolhe o “boitatá” para simbolizar o homem.

Figura mais antiga do fabulário brasileiro, o “boitatá” na expressão indígena significava “coisa de fogo” e depois “cobra de fogo”. Popularmente, em todo o Brasil, passou a significar “fogo fátuo”, em correspondência com o mito ígneo europeu de natureza punitiva: alma penada que purga o pecado de união incestuosa ou sacrílega e que assombra ou enlouquece a quem lhe passa por perto<sup>4</sup>.

“Boitatá” = *fogo fátuo*, um aterrador nada... eis como Ida Laura interpreta, agudamente, o homem que soçobra com esta civilização agonizante. Forma indecisa, oscilante, carregada por qualquer brisa e que, absurdamente, pela simples aparência, aterrre ou enlouquece aos que se lhe aproximam. Alma penada, que carrega um castigo eterno por ter amado o proibido.

“Luzes // disformes boitatás // no caos / flutuam // em cima de Terra obscura // que somos? // homens // ou estranhos / fogos fátuos // à vigia de nós mesmos // à vigia disto tudo // nossa forma / que ficou onde / nosso corpo // nossa essência / transfundida em luzes // separados / essência e forma // vida e morte // como tornaremos / ao um que fomos? // cruzar ventania // cobras de fogo / hálitos e boitatás / desesperados // formando colar / na densa atmosfera // na angústia / o vôo // a nave // a tentação de deixar o caos // deixar a Terra // onde // não fomos // ou não seremos? // luzes.” (p. 15)

Aí temos o homem no início da aventura espacial, ainda muito próximo do caos em que via mergulhada a Terra. Nesse momento a visão poética registra, em beleza e emoção, a perplexidade do Ser que, afinal consciente de sua estranheza e dualidade dramática em que se via dividido, pressente ao mesmo tempo a possível unidade do “eu” e o destino luminoso que o aguarda.

Aliás, a luz é uma das grandes presenças nessa poesia que ante o nôvo Homem, aproximando-a, assim, da antigüíssima visão dos “iluminados” de todos os tempos que *viam* como finalidade do homem, na Terra, superar a imperfeição da matéria e transformar-se em *espírito de luz*, ao voltar a integrar-se no Todo Primordial (ou Deus). Da mesma maneira, a partir da famosa fórmula de Einstein: ( $E = m \times c^2$ : *energia é a massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz*) surge a intuição da física contemporânea de que a *luz* seja a última manifestação da *matéria*. Como vemos, religião e ciência encontram-se na poesia.

Primeiro volume de uma tetralogia que apresentará o ciclo, “Os Terrestres” (em elaboração) NOVA IDADE termina com a antevisão da resposta enigma da condição humana.

“As paisagens // serão engolidas // pelos espaços //  
no turbilhão tudo se desfaz // do nada // vias-  
láceas // nascem // como eu // da imensidão //  
do espaço // sou espaço // ao mesmo tempo //  
eu sou eu // em resposta // aos deuses // aos  
demônios curvos // boitatás que sôbre a Terra //  
espreitam // em Terra // além eu sou todos os  
homens // e isto // é // tudo.” (p. 215)

Preocupada com os fenômenos mais atuantes no nosso universo e voltada inteiramente para o Homem integral, para a condição humana em sua dimensão mais ampla, Ida Laura correu o risco de “universalizar” totalmente sua poesia, desenraizando-a espacial e ocultamente. Entretanto apesar de projetada num plano universal, não só pela problemática que expressa, como pela manipulação dos elementos formais que ali se equiparam aos dos mais recentes pesquisadores da forma poética, a sua poesia está entranhada de brasilidade, não se divorciou da nação-mãe e nela mergulha suas raízes.

Atente-se, pois, para a riqueza de seu sistema simbólico, alimentado por duas fontes aparentemente antagônicas: remotas formas folclóricas vincadamente brasileiras e recentíssimas formas do mais avançado progresso tecnológico mundial. E é, sem dúvida, essa fusão inteligente, um dos elementos estruturais mais responsáveis pela funda beleza e emoção que fluem de seus poemas.

Poesia que revela o Ser em busca das respostas às perguntas existenciais que a crise dos valores gerou, a de Ida Laura vem seguindo uma linha ascensional no enfoque e tratamento da problemática colocada desde seu livro de estréia... Embora agudamente consciente do *hoje*, ou melhor, do *tempo histórico* em que está vivendo, a poetisa paulista permanece, no entanto, prêsa às suas limitadoras fronteiras... mas projeta-o num plano de tal amplitude que a efêmera temporalidade que o marca perde seus limites precisos (= nascimento, vida e morte irreduzível) e identifica-se com o fluir cósmico que desde as obscuras origens vem fazendo avançar a história da humanidade no plano terrestre e agora se lança nos espaços interestelares.

Efêmero e eterno, eis a dupla conotação que o Homem, tempo e espaço adquirem em sua consciência de poeta: *efemeridade* das formas visíveis no plano da *existência*; *eternidade* do Ser no plano oculto e misterioso das *essências*...

1. Ida Laura, *Nova Idade*. São Paulo, s/ed., 1969.
2. Por economia de espaço, transcrevemos linearmente os versos registrando o final de cada linha com um traço (/) e cada bloco de linhas com dois (//). Embora a comunicação básica da poesia de Ida Laura não repouse na visualização gráfica do poema, evidentemente, essa alteração tipográfica roubará muito do impacto emotivo causado pelas palavras isoladas ou em bloco, tal como foram criadas.
3. Referimo-nos aqui aos livros de poesia: *Poema Cíclico*, São Paulo, Clube de Poesia, 1962; *Antecipação*, São Paulo, Ed. Massao Ohno, 1963 e *Nova Idade*.
4. Cr. Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio, MEC, Instituto Nacional do Livro, 1962, (2 vols.) e Osvaldo E. Xidieh, “Boi tatá” in *O Estado de S. Paulo*. 17-12-1948.